

A CONSTRUÇÃO DO DIZER E DA INTERAÇÃO NO HIPERGÊNERO BLOG

Por Gislaine Gracia Magnabosco¹

Vygotsky, Bakhtin e a construção do dizer

Como conceitua Bakhtin (1992, p.111), a expressão pode ser vista como “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma forma no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores”. Assim, “comportaria duas facetas: o *conteúdo* (interior) e sua *objetivação exterior* para outrem (ou também para si mesmo)” (BAKHTIN, idem).

Para Bakhtin, toda organização e expressão de um dizer/pensamento sempre conterà essas duas facetas e se dará, ainda, do exterior para o interior. Deste modo, “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não [será] interior, mas exterior: esta[rá] situado no meio social que envolve o indivíduo” (*ibid*, p.121).

Vygotsky (1988), em seu conceito de internalização, também explana sobre a construção do dizer. Para ele, a internalização seria “a reconstrução interna de uma operação externa” (1988, p.63), ocorrendo, necessariamente, através das interações do indivíduo. Nesse sentido, haveria, primeiramente, um momento externo de interação (com o meio, com outros sujeitos) que proporcionaria uma internalização e posterior exteriorização, não necessariamente pontual. Seria, então, um processo do social para o individual.

Assim, toda construção e expressão de um dizer estão condicionadas a situação social mais imediata na qual o sujeito está inserido. Desta forma, além da necessidade de exteriorizar seu pensamento em forma de algum gênero, é preciso que este sujeito tenha bem claro seu horizonte social, bem como, bem definido seu auditório social (interlocutores), uma vez que eles determinarão a forma do dizer.

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não (...) Na maior parte dos casos, é preciso supor, além disso, um certo horizonte social definido e estabelecido (...) [Além disso,] o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 112).

Com isso, não basta que o locutor tenha consciência para quem vai falar, o que irá dizer e como isto deve ser feito; é preciso que ele tenha consciência da ideologia do grupo e do como eles querem que o sujeito se expresse. De tal forma, toda a construção de um dizer sempre levará em conta o Outro.

Nesse sentido, Bakhtin/Volochinov (1992, p.113) lembram que toda palavra comporta duas faces, “ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se

¹ Professora do Centro Universitário Filadélfia (UniFil - Londrina). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gigracia@hotmail.com

dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte* (idem), que se “unirão” por meio da enunciação.

Será a palavra o instrumento de expressão de um em relação ao outro e será por meio dela que eles se definirão. Destaca-se, assim, a grande importância da língua/linguagem e da interação social tanto para a formação do ser, como para sua expressão/dizer.

O dizer por meio do Hipergênero Blog

Caracterizado predominantemente pelo uso da escrita e estrutura relativamente padronizada, o blog pode ser conceituado como um *hipergênero*.

Ao conceituarmos o blog como um *hipergênero*, o entendemos como um gênero virtual ou digital que, por *alocar-se* em um *software hipermidiático*, se configura como um gênero híbrido, formado pela junção (sobreposição) de outros gêneros (materializados ora explicita ora implicitamente por meio de *links*) que convergiram, coerentemente, para sua constituição formal, funcional e interacional. Neste sentido, entendemos que o blog seja formado a partir: **1)** do *post* inicial (que por sua vez traria uma diversidade de gêneros: depoimentos, desabaços, contos, comentários, reportagem, entre outros); **2)** dos *links* dos *comentários* (que, também, podem trazer uma diversidade de gêneros: debate, discussão, conversa, opinião); **3)** dos *links* que levam a outros sítios (como ao *perfil* do (a) mantenedor (a) do blog; a *links patrocinados*, ao *blogroll*, aos *posts* anteriores, *links* para contato, *links* de imagens (animações, vídeos), entre outros); que, se conectariam, para formar um único gênero. (MAGNABOSCO, 2010, p.07)

Além disso, dada a heterogeneidade de blogs existentes que, mesmo divergindo em relação às temáticas e interesses, mantêm traços estáveis que permitem irmaná-los (como, por exemplo, a estrutura composicional, seu contexto de uso, a escrita mais subjetiva e menos monitorada, o compartilhar de pontos de vistas, a interação por meio de *links*, entre outros), consideramos que o blog seja um hipergênero organizado em *constelação*.

Araújo (2010) utiliza esse termo para analisar os *chats* da *web*. Para ele, um gênero organizado em *constelação*, seria um gênero maior (‘gênero mãe’) a partir do qual outros ‘gravitariam’. Assim, embora divergissem em suas respectivas funções sociais, esses gêneros seriam cognatos, uma vez que trariam marcas do ‘gênero mãe’, o que os tornariam membros de uma mesma *constelação* genérica, entendendo por *constelação*

um conjunto de gêneros que são irmanados pela relação genérica que existe entre eles, ou seja, todos pertencem à mesma família e, por isso, são variedades de um único gênero que, por ser complexo, atende a propósitos comunicativos distintos. (...) O fato de serem membros de uma constelação, no entanto, não tornam homogêneos esses gêneros. Cada um possui seu ‘brilho’ próprio e atende a uma função social distinta. (ARAUJO, 2010, p.04)

Os blogs, como hipergêneros constelares, possuem, geralmente, uma postagem sobre um determinado tema e comentários sobre essa publicação. Pela facilidade da edição, atualização e manutenção dos textos em rede, pela não necessidade de ser um especialista em conhecimentos informáticos para utilizá-los e pela gratuidade da ferramenta, eles se tornaram um importante instrumento de comunicação e expressão.

O blog selecionado para esta análise não diverge desta caracterização. Encontrado na página eletrônica da revista Capricho, no item blogs, ele possui como propósito fazer com que as adolescentes escrevam para dividir, pedir conselhos, desabafar, pois, de acordo com aquele blog, ali haverá sempre alguém pronta para ouvir e ajudar. Desta forma, fica mais fácil entender o porquê do seu nome (Papó de Amiga) e da sua estrutura: inicialmente há um *post* com um “problema” enviado por uma leitora da revista, seguido de um comentário da revista sobre este “problema”, abrindo, posteriormente, espaço para os comentários das outras leitoras.

Ilustração 1: Post do tema “Vocês acreditam em Amor virtual?”

Vocês acreditam em amor virtual?²

Postado por Fernanda Bastos em 14-07-2009 às 9:00

(...)

O assunto não é novo, já falamos disso aqui no blog e também tem uma enquete rolando aqui. Mas como recebi várias mensagens de meninas apaixonadas por gatinhos que elas conheceram na Internet, achei que o tema pode dar uma boa conversa.

Uma delas, a G., se apaixonou por um gringo:

“Uso um aplicativo chamado WhosHere no meu Ipod Touch, que é tipo um Orkut, lá encontrei um americano super simpático. Passamos a conversar com frequência, descobrimos que tínhamos muito em comum. Algum tempo depois ele me pediu em namoro, e apesar da surpresa, resolvi aceitar porque gosto muito dele. Mas agora as coisas tomaram um rumo sério. O grande dilema é que esse amor é praticamente impossível porque ele mora em Detroit e eu no Brasil”.

Antes de mais nada, vou ter que dar uma de adulta responsável: cuidado com a Internet, hein? Não duvidem que ela esteja cheia de gente esquisita a fim de enganar meninas fofas como vocês.

(...)

Agora, namorar SÓ virtualmente acho complicado demais, não? Sem beijo, aperto, cafunê? Eu não consigo! E vocês?

Fê

Vê-se que sua estrutura pressupõe a participação do outro, de seu leitor (o leitor-interagente (RECUERO, 2009)), através dos comentários, criando um clima de troca de experiências, num espaço de trocas discursivas.

O blog se constitui como um espaço de diálogo (...) [há] um espaço específico para a interação com os leitores, disponibilizado através de uma ferramenta de comentários, que permite que os leitores tornem-se agentes,

² Por questão de espaço, para essa exemplificação, apresentou-se apenas um *post* e três comentários deste.

discutindo, e, muitas vezes, desviando completamente o assunto. (...) quem escreve em um *weblog* escreve sempre em relação ao Outro, a um leitor, a um receptor, imaginário ou concreto, a quem o autor deseja dar uma determinada percepção de si enquanto sujeito, através da narração de si mesmo. (RECUERO, *ibid*)

Ilustração 2: Comentários do Tema “Vocês acreditam em Amor virtual?”

<p>Letícia . . . 19/07/2009 · 10:29 Oh gente, eu acho que amor virtual existe sim. Mas o problema é, e se aquele "príncipe" que você está apaixonada por um pedófilo? ou então por um fake? Eu não me arrisco muito nesses namoros virtuais, prefiro amizades virtuais porque é bom bater um papo com alguém de longe, que te conta novidades sobre ela e o lugar onde ela vive, eu adoro!. Mas pra quem tá namorando virtualmente eu só vou falar uma coisa, CUIDADO TAH!. Não invistam muito, procure conhecer melhor, ver pela web cam. Beijinhos?</p> <p>Fernanda Bastos . . . 16/07/2009 · 18:13 Oi Mandah*! Você leu os outros comentários? As meninas sugerem que, na dúvida, é melhor pedir para ele aparecer na webcam!!</p> <p>Mandah* . . . 16/07/2009 · 13:27 eu sou apaixonada por um garoto q conheci na net mas nao sei se ele é real tenho medo de me envolver e quebrar a cara =/</p>

Observa-se que o blog se constitui, então, como um lugar virtual apropriado para a manifestação do “diálogo”, da escrita interativa. Como explica Garcez (1998), o diálogo pode ser visto como uma interação social entre um locutor (eu/sujeito) e um interlocutor (outra pessoa) que podem trocar ideias, sugestões, criticarem atitudes, através de um mediador que pode ser um texto. Nesse sentido, toda comunicação será essencialmente dialógica (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992).

Essa dialogia é claramente observada no blog Papo de Amiga, uma vez que será pela relação com o outro que a adolescente-blogueira refletirá e narrará sobre si. Assim, toda a construção do dizer dessas adolescentes levará em consideração esse “outro” que, nas palavras de Bakhtin (1992), pode ser representado por três diferentes interlocutores: o real, o ideal e o supraindividual.

O interlocutor real pode ser visto quando, por exemplo, ao construírem seus enunciados, as adolescentes levam em consideração os outros leitores do blog, além da *postagem* inicial feita por uma leitora da revista, os comentários já realizados pela revista Capricho e, também, os outros comentários feitos pelas outras leitoras.

No caso do interlocutor virtual, o encontramos quando as adolescentes, visando produzir um comentário que seja compreensível para as outras leitoras do blog, levam em consideração não só todas as normas que regem a construção dos enunciados (coesão, coerência, etc.), como também as *netiquetas*, os padrões ortográficos tradicionais e a ortografia virtual (Internetês) aceitável neste espaço.

Já o interlocutor supraindividual seria representado por toda a ideologia que perpassa o grupo social no qual a adolescente está inserida, bem como a ideologia da comunidade virtual que sustenta o blog (no caso, a ideologia da revista *Capricho* que por sua vez influencia, por meio do seu dizer, a construção da identidade dessa adolescente).

Observa-se, assim, que as expectativas que o eu possui a respeito do “outro”, as reações e as respostas que se esperam, o papel que o “outro” representa para o eu, a ideologia do grupo, as normas que regem a construção de um dizer; tudo isso será importante e influenciará na confecção do enunciado e determinará na escolha do estilo no gênero.

Um gênero para ser rotulado de blog deve ter: um eu que enuncia, um eu que processa essa enunciação, um local para comentários desse segundo eu, dados relevantes sobre quem enuncia. Em substância, o sujeito possui internalizada a forma que um gênero virtual comporta e se apresenta, e a forma de enunciação está diretamente ligada àquele gênero (...) [Além disso], não utilizamos um gênero virtual só pela sua forma e conteúdo, utilizamos um gênero virtual em detrimento de um outro, pela função que esse gênero irá operar (...) Assim, a construção e a reconstrução do enunciado no gênero virtual irá depender da expectativa que temos a respeito do parceiro comunicativo e do propósito da comunicação. (SOUZA, 2007, p.10)

Desta forma, sendo construído sempre em consideração a um “Outro”, cada postagem e cada comentário do blog serão sempre enunciados completos, novos que, pelo seu aspecto público, se abrirão para outros comentários, produzindo uma relação dialógica com outros dizeres. Uma relação que nunca estará concluída, já que sempre estará aberta a novas vozes que, ao se somar a ela, irão compor outros textos, outros sentidos. Destaca-se, assim, a importância das enunciações para o estabelecimento da interação, principalmente, da interação mútua comentada por Primo (2000).

A interação no Hipergênero Blog

Pelo exposto, foi possível observar que tanto a internalização de Vygotsky (1988) como a monologização de Bakhtin/Volochinov (1992) reforçam a importância do exterior, do social para a construção da consciência. Nesse sentido, a consciência passa a ser construída na atividade prática, na interação com o ambiente e com o outro, por meio da mediação da linguagem.

Para Primo (2000) a interação é uma *ação entre*, uma relação que se estabelece entre os interagentes. Além disso, ela pode ser vista “como uma relação dialógica mediante a confrontação de sentidos, como uma compreensão responsiva ativa” (GUTIERREZ, 2005, p.05).

A interação corresponde à ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas ou pessoas, ação recíproca; e não de uma coisa ou pessoa *sobre* outra (...) É um termo bastante genérico, dado às variadas áreas do conhecimento em que é empregado (...) mas mesmo se aplicando nas mais variadas áreas o termo mantém uma certa sincronia, ou seja, estar em interação significa que cada fator altera o outro, a si próprio e também à

relação existente entre eles, mantendo uma idéia de influência mútua, de reciprocidade. (AIRES; ERN, 2009, p. 02)

Ressaltando que a interação não deve ser vista como um característica do meio, mas como um processo desenvolvido entre os interagentes, Primo (2000) enfatiza que, no estudo da interação via tecnologia, deve-se privilegiar o processo de interação em si, não a máquina, nem os homens. Nesse sentido, o autor apresenta um novo estudo cujo objetivo é valorizar a própria interação.

Para o estudo da relação homem-máquina, da comunicação mediada pelo computador e do conceito de interatividade deve-se partir de estudos que investigam a interação no contexto interpessoal. Sendo assim, defende-se que a relação no contexto informático, que se pretende plenamente interativa, deve ser trabalhada como uma aproximação àquela interpessoal. (PRIMO, 2000, p.82)

Nesse sentido, para o autor, é fundamental diferenciar o que é interativo do que é reativo. Baseando-se em Machado (1990, *apud* PRIMO, *ibid*), ele comenta que

Um sistema interativo deveria dar total autonomia ao espectador, enquanto os sistemas reativos trabalhariam com uma gama pré-determinada de escolhas. (...) Boa parte dos equipamentos hoje experimentados ou já comercializados como interativos são, na verdade, apenas reativos.

Com base nessa diferenciação, o autor propõe dois tipos de interação: mútua e reativa, e estes são elaborados em virtude das seguintes dimensões:

Tabela 1: Dimensões que interferem no tipo de interação

Sistema	Um conjunto de objetos ou entidades que se inter-relacionam entre si formando um todo;
Processo	Acontecimentos que apresentam mudanças no tempo;
Operação	A produção de um trabalho ou a relação entre a ação e a transformação;
Fluxo	Curso ou sequência da relação;
Throughput	O que se passa entre a decodificação e a codificação, inputs e outputs;
Relação	O encontro, a conexão, as trocas entre elementos ou subsistemas;
Interface³	Superfície de contato, agenciamentos de articulação, interpretação e tradução.

Fonte: PRIMO, 2000, p.87.

De acordo com Primo, na interação mútua, os interagentes reúnem-se em torno de contínuas problematizações, sendo a própria relação entre eles um problema que motiva uma constante negociação. Além disso, cada ação nesse tipo de interação tem um impacto recursivo sobre a relação e sobre o comportamento dos interagentes.

³ Como comentam Aires;Ern (2009) a interface pode ser vista como uma superfície de contato que faz operações de tradução e estabelecimentos de contato entre meios heterogêneos, garantindo a comunicação entre dois sistemas informáticos distintos ou um sistema informático e uma rede de comunicação. Desta forma, seria responsável por realizar operações de transcodificação e de administração dos fluxos informacionais.

O relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo que acontecem os eventos interativos (nunca isentos dos impactos contextuais). Devido a essa dinâmica, e em virtude dos sucessivos desequilíbrios que impulsionam a transformação do sistema, a interação mútua é um constante vir a ser, que se atualiza através das ações de um interagente em relação à(s) do(s) outro(s). Ou seja, a interação não é mera somatória de ações individuais. Como exemplo pode-se citar um debate na sala em um fórum de um ambiente de educação à distância. Ao se falar em interação mútua não se está querendo oferecer um pleonasmo. Esse conceito se insere dentro de uma discussão maior. Visto que mesmo a reação mecânica será entendida como um tipo de interação, a interação mútua deve ser compreendida em contraste com a interação reativa. A palavra “mútua” foi escolhida para salientar as modificações **recíprocas** dos interagentes **durante** o processo (PRIMO, 2005, p.13)

Observa-se, assim, que cada comportamento na interação mútua é construído em virtude das ações anteriores, modificando tanto o locutor quanto o interlocutor, “influenciando recursivamente o comportamento de ambos. Desta forma, justifica-se a escolha do termo ‘mútua’, visando salientar o enlace dos interagentes e o impacto que cada comportamento oferece ao interagente, ao outro e à relação” (*ibid*).

Enquanto, então, a interação mútua se desenvolve em virtude da negociação relacional durante o processo, a interação reativa depende da previsibilidade e da automatização das trocas, uma vez que ela se caracterizaria por uma programação fechada, com escolhas determinadas à priori.

Uma interação reativa pode repetir-se infinitamente numa mesma troca: sempre os mesmos *outputs*⁴ para os mesmos *inputs*. Diferentemente das interações mútuas (cuja característica sistêmica de equifinalidade se apresenta), as reativas precisam estabelecer-se segundo determinadas condições iniciais (relações potenciais de estímulo-resposta impostas por pelo menos um dos envolvidos na interação) – se forem ultrapassadas, o sistema interativo pode ser bruscamente interrompido. Por percorrerem trilhas previsíveis, uma mesma troca reativa pode ser repetida à exaustão (mesmo que os contextos tenham variado). (PRIMO, *idem*)

Nota-se, assim, que as interações reativas se baseiam em trocas definidas, padronizadas e imutáveis, não levando em consideração processos significativos ou interpretativos, baseando-se em um forte automatismo. O que difere, claramente, da mútua, já que esta vai além do *input* determinado e único, levando em conta uma complexidade global de comportamentos (intencionais ou não, verbais ou não), na qual o comportamento de um interagente afeta o comportamento do outro.

Nesse sentido, com base nas dimensões apresentadas anteriormente, o autor propõe a seguinte classificação:

Tabela 2: Tipos de Interação

⁴ Em línguas, *Input* é tudo aquilo que recebemos, tudo o que lemos e escutamos. *Output* é tudo o que produzimos, tudo o que falamos e escrevemos. Se pensarmos nas quatro habilidades que praticamos numa língua (ler, escrever, falar e ouvir) veremos que ler e ouvir são atividades de *Input*, e falar e escrever são atividades de *Output*.

Categoria	Interação mútua	Interação reativa
Sistema	Aberto – forma um todo global. Não é composto por partes independentes, onde um é afetado, o sistema total se modifica	Fechado – relações lineares e unilaterais, o reagente tem pouca ou nenhuma condição de alterar o agente. Não percebe o contexto, não reage a ele. Não efetua trocas com o ambiente, não evolui.
Processo	Negociação	Estímulo-resposta
Operação	Ações Interdependentes – por cooperação. Cada agente, ativo e criativo, modifica o comportamento do outro e tem o seu comportamento modificado. Ocorre entre interagentes e seu ambiente. A cada evento comunicativo, a relação se transforma.	Ação e reação – um pólo age e o outro reage. Uma vez estabelecida a hierarquia, ela passa a ser repetida em cada interação.
Fluxo	Dinâmico: passível de determinações	Linear; pré-determinada
Throughputs	Interpretativo – Diálogo não se dá de forma mecânica, pré-estabelecida. Cada mensagem recebida é decodificada e interpretada, podendo gerar uma nova codificação. Cada interpretação se dá pelo confronto da mensagem recebida com a complexidade cognitiva do interagente.	Automático – Reflexo ou automatismo. Os processos de decodificação e codificação se ligam por programação. Não há seleção consciente ou inteligente do computador. A máquina oferece uma falsa aparência interpretativa, já que seu funcionamento é pré-determinado.
Relação	Negociada - Processo emergente. Vai sendo definida durante o processo. As correlações existem, mas não determinam, necessariamente, relações de causalidade. Baseiam-se no relativismo.	Casual – Baseiam-se no objetivismo.
Interface	Virtual – Trabalha na virtualidade, possibilitando a ocorrência da problemática e viabilizando atualizações.	Potencial – Resume-se ao possível, se realiza por meio do clique do usuário. A tela está programada e perfeita para disparar um mecanismo ou uma nova tela que espera por seu destravamento.

Adaptado de PRIMO (2000)

Com base no que foi exposto, observamos que no blog Papo de Amiga da revista Capricho, a **socialização** se dá via interação mútua, uma vez que as adolescentes, em contato com aquela publicação, são conduzidas a interagirem tanto com o autor da publicação, quanto com outras leitoras, por meio de uma resposta ativa em forma de comentário. Além disso, podemos dizer que seu **sistema** é aberto e o **processo** que se dá nele é um processo de negociação entre as partes. Essa negociação acaba sendo um aspecto central para a produção de sentido na interação verbal; com destaque para a negociação das faces.

O conceito de *face*, como lembra Silva (2001, p.134-135), foi proposto inicialmente por Goffman. Ele se refere à auto-imagem pública que todo indivíduo constrói e tenta preservar. Assim, na interação face a face, o locutor tenta passar a seu interlocutor uma imagem positiva e,

ao mesmo tempo, evita que o outro invada seu território pessoal. O indivíduo pode adotar dois pontos de vista na comunicação: uma orientação autodefensiva da própria face e uma orientação protetora em relação à preservação da face do outro. Brown & Levinson (*apud* Silva, *ibidem*) ampliaram o conceito com a noção de face negativa e face positiva.

Face positiva representa a auto-imagem definida de que os interlocutores necessitam; é o desejo de aprovação social e de auto-estima. A face negativa envolve a verificação básica aos territórios pessoais; em outras palavras, a liberdade de ação e a liberdade de sofrer imposição. Na conversação, é comum os interagentes cooperarem para a manutenção da face um do outro, havendo uma espécie de acordo entre eles. Assim, normalmente, a face de uma pessoa é mantida quando a face da outra com quem interage também é mantida. Por vezes, o monitoramento já representa a sanção positiva da face do interlocutor e é de fundamental importância para o desenvolvimento do tópico.

Quanto ao **fluxo**, podemos dizer que a interação no blog Papo de Amiga da revista Capricho é dinâmica, passível de determinações, requerendo, então, *throughputs* interpretativos. Desta forma, a criação e a recepção de mensagens no blog passam por uma postura ativa dos sujeitos, que se envolvem na comunicação, interpretando as mensagens e reconstruindo o contexto social (que vai se modificando a partir das interpretações compartilhadas pelos sujeitos). Além disso, a **relação** é negociada, já que vai se definindo durante o processo e a **interface** é virtual permitindo a ocorrência de problemáticas e atualizações.

Um outro ponto que ainda devemos comentar é o conceito de **multi-interação**. Como ressalta Primo (2000, p.91), “em muitos relacionamentos a comunicação não se dá exclusivamente através de um canal. Podemos pensar em algo como multi-interação, no sentido que várias podem ser as interações simultâneas”. No caso do blog da revista Capricho essa multi-interação ocorre quando, ao postar um comentário no blog, as adolescentes não só interagem com um outro (interação mútua), como também com a interface do *software*, com o *mouse*, com o teclado; ocorrendo, então, tanto interações reativas quanto mútuas, simultaneamente.

Considerações finais

Pelo exposto, observou-se que o blog tornou-se um importante espaço no qual as adolescentes formam um “grupo de iguais” regido tanto pela expressão e narração de si, quanto pelo contato com um “outro” que também compartilha de seus interesses (outras adolescentes).

Além disso, foi possível verificar que toda a interação proporcionada pelo blog ocorre por meio da leitura e da escrita. Será esse discurso virtual que permitirá as adolescentes se expressarem e trocarem ideias com as demais; discutindo temáticas de seu cotidiano, expondo suas crenças, valores, sentimentos, etc. Desta forma, todos os enunciados construídos são pensados e elaborados dirigindo-se ao “outro”, que se aproximará do sujeito produtor via comentários postados no blog.

Ressalta-se, deste modo, não só a importância da linguagem como mediadora das relações entre os indivíduos e como um importante instrumento para a compreensão de si e, também, dos

outros; como também, a relevância do blog, mais particularmente das interações ali estabelecidas, como um importante instrumento, na atualidade, para a construção da subjetividade dessas adolescentes.

Referências Bibliográficas

- AIRES, Joanez Aparecida; ERN, Edel. *Os softwares educativos são interativos?* In: http://www.unisinos.br/pastanet/arqs/0716/2622/softwares_educativos.pdf. Acesso em: 13/06/2009.
- ARAUJO, Júlio César. *A organização constelar do gênero chat*. Disponível em: www.julioaraujo.com/download/organizacao_constelar_do_chat.pdf. Acesso: 13/04/2010.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 6ª edição. São Paulo: Hucitec, 1992, pg. 90 – 109; 110 – 127
- BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*, 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GARCEZ, Lucília. Vygotsky e Bakhtin – um diálogo. In: _____. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 45-69.
- GUTIERREZ, Suzana. *Weblogs e educação: contribuição para a construção de uma teoria*. In: *Revista Novas Tecnologias na Educação*. v.3, n 1, 2005.
- MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. *Diário Online, Suporte Textual ou Hipergênero: Reflexões acerca da heterogeneidade conceitual do blog*. Trabalho apresentado no VII Selisigno e VIII Simpósio de Leitura da UEL, (no prelo), 2010.
- PRIMO, Alex. *Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo*. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.
- _____. *Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador*. n. 45, 2005. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_45.htm . Acesso: 15/09/2010.
- RECUERO, Raquel da Cunha. *O interdiscurso construtivo como característica fundamental dos webrings*. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br/n10/an10a1.html>. Acesso: 28/05/ 2009.
- SILVA, Luiz Antônio da. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: Hudinilson Urbano et al. (orgs), *Dino Preti e seus Temas*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 128-144
- SOUZA, Aguinaldo Gomes de. Gêneros Virtuais: algumas observações. In: *Revista Letra Magna*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 04 n.07, 2007
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Recebido em dezembro de 2011.
Aceito em maio de 2012.